

FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE: O USO DE TEMAS SENSÍVEIS NA SALA DE AULA DE HISTÓRIA

Francisca Kelly Gomes Cristovam¹
Maria Jucineide Araújo²

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir sobre o ensino de História nos tempos atuais. Ensinar a disciplina de História tem sido um grande desafio, haja visto temos passado por mudanças políticas e os professores têm sido chamados de doutrinadores, e em especial o docente de História tem sofrido com tal nomeação e buscado na sua prática ter mais cuidados com suas falas, e alguns até tentado não discutir determinados temas, como religião e política. Esse texto é fruto de nossas experiências em sala de aula, e como temos buscado trabalhar os conteúdos sem gerar uma armadilha para o professor. Discutir sobre a prática em sala de aula é essencial para compartilharmos com nossos pares, experiências e aprendermos uns com outros. Dessa forma, o referido texto busca dialogar com autores e os pares, para que docentes possam conduzir discussões em suas salas de aula que respeitem a diversidade cultural e de falas dos alunos e ofereçam meios de formação do pensamento crítico, fazendo assim o espaço da sala de aula um lugar de formação cidadã e de respeito ao próximo. Para tanto dialogamos com alguns teóricos, tais como (ALVES e ROSA, 2016), (MACHADO, 2009) e (MORAES, 2012).

Palavras-chave: Ensino, História, Temas Sensíveis.

INTRODUÇÃO

O presente texto surgiu de conversas informais sobre nossas experiências em sala aula, bem como nossas alegrias e angústias, no qual relatávamos sobre o que seria o futuro da disciplina de História e dos professores, que têm sido ameaçados, difamados por parte dos alunos, familiares e sociedade. Assim, combinamos de fazer um texto para colocar em discussão com os pares a importância de nos aperfeiçoarmos e buscar melhorias para nossa sala de aula. Nas duas últimas décadas o tema de formação de professor tem ganhado notoriedade, haja vista termos um público cada vez mais diverso em sala de aula, e faz necessário os professores buscarem formação e qualificação para aprimorar seu conhecimento, e com isto melhorar sua prática. São muitos os desafios encontrados no

¹ Graduanda em Letras-Instituto Federal da Paraíba. Graduada e Mestre em História-Universidade Federal de Campina Grande. Professora de História. E-mail: kelly_cristovam@yahoo.com.br

² Graduanda em Letras-Instituto Federal da Paraíba. Especialista em História-Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: jucyaraújo@hotmail.com

cotidiano dos docentes, e dentre estes, pode-se destacar a dificuldade de discutir os famigerados temas polêmicos, tais como religião e política.

Desta forma, o referido texto discute sobre o ensino de História e o uso de temas considerados polêmicos em sala de aula. Tal discussão justifica-se pelo fato de estarmos vivendo num período no qual os professores são taxados de doutrinadores, ou seja, são acusados de ser aqueles que não fazem o alunado pensar e serem cidadãos críticos, mas apontados de formar pessoas que pensem como si mesmos.

No entanto, para quem estar dentro de sala de aula e nas instituições escolares sabe ser tal afirmativa uma falácia, pois temos lutado diariamente pela liberdade de pensamento e profissional de nossos alunos. Então, discutir sobre como trabalhar temas sensíveis e/ou polêmicos proporciona apresentar uma diversidade de pensamento, e nesse papel os docentes têm encontrado dificuldades, seja por falta de preparação de lidar com o diferente ou com assuntos que promovem muitas discussões.

Diante disso, o professor, especialmente das ciências humanas tem ficado mais vigilante com suas palavras, o que tem obstado seu trabalho, e que não significa que antes era despreparado e relaxado nas suas aulas, mas sim que sentia mais liberto para expressar e criticar seu olhar sobre os diversos fatos que envolvem a disciplina que ministra.

Portanto, discorreremos no presente texto nossos diálogos e experiências enquanto professoras da disciplina de História, bem como nosso olhar sobre a prática em sala de aula, pois consideramos essencial partilhar com os pares as nossas conquistas e angústias, para juntos aprendermos mais e aperfeiçoar nossa formação e docência.

METODOLOGIA

A escrita desse texto teve como escolha, primeiro leituras através de referências bibliográficas, no qual consideramos pertinente para manter um diálogo sobre a temática selecionada, que nos dar suporte e conhecimento para tratar sobre o assunto. E segundo optamos por relatar algumas das nossas experiências como docentes, no qual foram momentos engrandecedores que nos possibilitou pensar nossa prática e sobre os conteúdos que ministramos bem como sua importância para uma formação de cidadãos críticos, que questiona o ambiente onde se encontram e as diversas práticas vividas na sociedade.

O ensino de História tem suas peculiaridades. Tais como a característica de ser híbrida, visto que se constitui como área de saber, mas também como campo do conhecimento

que deve ser prático e com isto, dialogar o trabalho docente e a sociedade do alunado, pois a História deve ser utilizada como um meio de mutação de pensamento que transforma a maneira de viver, permitindo maior liberdade de expressão e compreensão do universo, a partir do momento que dar aos sujeitos criticidade e saberes capazes de interpretar o mundo presente no debate com fatos passados.

Sendo assim, neste trabalho trilhamos por informações sobre a atuação profissional e nossa prática docente sobre o ensino de História, seus desafios e formas de entender a necessidade de inovar as aulas e a forma como ministramos nossas aulas.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO E EXPERIÊNCIAS DA SALA DE AULA

O ensino de História, segundo Alves & Rosa (2016, *apud* CIAMPI, 2003) tem sido apontado como desestimulador para os alunos, visto que tem sido ministrado de forma que causa má impressão, de ser uma disciplina sem vida. Assim, colocam:

Ciampi (2003) enfatiza que o desinteresse dos alunos com a disciplina vincula-se ao ensino positivista, narrativo, burocrático e repetitivo. Nota-se que o desestímulo atrela-se a falta de inovação na forma de transmitir o conhecimento histórico, uma vez que, o aluno se mantém em contato com um mundo moderno que dispõe de inúmeras formas de tecnologia. Este sistema de ensino paulatinamente desestimula alunos e professores. (ALVES e ROSA, 2016.p.02).

Dessa forma, o ensino de História, não muito raro tem sido colocado nas falas dos alunos como cansativo, pois ao passo que se tem diversas aulas seguidas de forma tradicional, sem questionar e relacionar com fatos do presente, o estudante não percebe a importância no ensino de História e por isso não gosta desse componente curricular. Como também, os discentes ficam o tempo todo sentados em cadeiras desconfortáveis, ouvindo teorias, que muitas das vezes não tem nenhum significado para eles, mas precisamos mostrar aos nossos discentes que a disciplina de História não é estática, pelo contrário é dinâmica, visto que trabalha com as mudanças que os seres humanos vivenciaram ao longo do tempo, demonstrando o dinamismo das experiências. Como fica perceptível abaixo:

Enquanto nós, professores, precisamos estar, cotidianamente, na posição de aprendizes, por estarmos sempre adquirindo novos conhecimentos e também nos colocando no lugar dos nossos alunos, não podemos esquecer o quão difícil é ficar sentados e imóveis horas e horas em uma cadeira de escola. Ora, hoje vivenciamos o tempo da informação onde estamos de alguma maneira, interconectados uns aos outros, através das diferentes mídias, engendrando uma grande rede, de modo que

tudo flui muito rápido: as ideias, os amores, as notícias. E é nesse mundo da velocidade que estamos professores e alunos, inseridos (MORAES, 2012. P. 81).

Nossos alunos fazem parte de um mundo moderno e cheio de tecnologias, os quais despertam o desejo por uma aula mais dinâmica que traga pra sala de aula formas de interação com o conteúdo ministrado, mostrando de forma mais atrativa, questionadora e criativa. O que não quer dizer que toda aula o professor tenha esta cheio de vídeos, slides e um data show para sua aula funcionar bem, mas que não pode ser apenas leitura do livro didático, escrita no quadro e sem questionamentos aos fatos. Como podemos observar na sequência:

Essa para parafernália tecnológica, quando existente na escola, potencialmente poderia contribuir para a ampliação das possibilidades de inovação e qualificação do trabalho docente. Entretanto, como essa tecnologia não vem acompanhada de uma formação profissional continuada e/ou de um processo de valorização do docente, na maioria das vezes, tem se mostrado inócua e pouco produtiva (MACHADO, 2009. P.81).

Infelizmente, o que percebemos no cotidiano é uma realidade que corrobora com as ideias mencionadas e defendidas por Machado (2019), visto que grande parte dos docentes não possuem conhecimentos suficientes para elaborar e ministrar uma aula com a utilização desses recursos tecnológicos mencionados anteriormente, e o poder público não promove cursos de capacitação para estes profissionais, que tanto pode contribuir com uma educação de qualidade e inovadora.

Ainda de acordo com Alves & Rosa (2016), o ensino de História no Brasil continua muito na versão positivista, não tendo acompanhado o que discute as novas correntes pedagógicas, que propõe o ensino afetivo, didático, dinâmico e atrativo para o aluno. Dessa forma, afirmam:

Por anos o ensino de História no Brasil evidenciou a mecanização da aprendizagem, em outras palavras, o aprender estava intrinsecamente relacionado ao ato de decorar datas, nomes e os grandes feitos. Contudo, as novas correntes pedagógicas em união com as vertentes históricas que surgiram durante o século XIX e XX logo questionaram a visão da História Positivista... (ALVES e ROSA, 2016.p.02).

Com isto, podemos afirmar que parte de nossos docentes, no Brasil, ainda não conseguem colocar em prática uma aula mais agradável ao alunado. E isto se deve a vários fatores, como a carga horária alta, escolas sem recursos e estrutura desfavoráveis para uma boa aula, alunos com múltiplos problemas que levam suas frustrações para sala de aula, falta de formação dos professores para lidar com uma geração mais dinâmica e atraída por

tecnologias, jogos, músicas, entre outros pontos. Enfim, o que fica evidente nos últimos tempos é que muitas de nossas escolas no Brasil não está conseguindo atender seu público de forma satisfatória.

De acordo com Gil & Eugenio (2018), na escola do Brasil e da América latina durante muito tempo a História ensinada era a dita oficial, que privilegiava discutir o que interessava a elite, e assim “tradicionalmente, o ensino da História legitimou as pretensões dos dirigentes políticos” (página 141), daí atualmente os docentes terem uma tensão no ensino de História, pois não se deve focar o ensino na História positivista e factual, faz-se essencial também discutir sobre as minorias, os temas polêmicos e sensíveis. Para os referidos autores, a escola na atualidade é convocada cada vez mais a:

... a ensinar o trauma, a injustiça, o preconceito e o sofrimento de forma que alunos e professores possam se encontrar com os debates que se apresentam na produção da história. Acreditamos que a História escolar pode contribuir no tensionamento das condições que tornaram possíveis o racismo, a violência e a desigualdade e, a partir disso, permitir a reflexão sobre o que nos configura hoje como nação. (GIL & EUGENIO, 2018. P. 03).

A escola e seus educadores têm buscado mudar, movidas entre outras coisas, por leis, diretrizes e parâmetros curriculares, a dialogar com novas temáticas, pois tais documentos estabelecem que na escola ensine temas transversais, questões afro-indígenas, além de tantos outros pontos importantes que permitem aos docentes e alunos (re) pensar suas práticas. Nesse sentido, a discussão de temas sensíveis e polêmicos tem vindo à tona na sala de aula, e para tanto, é pertinente uma preparação mais minuciosa dos docentes sobre o tema a ser tratado.

Nesse sentido, trabalhar temas diversos que contemple a realidade do aluno permite um diálogo e conhecimento da realidade que nos cerca, bem como motiva o alunado a participar das aulas e saí do comodismo, estimulando a refletir sobre os processos históricos socioculturais, dando sentido ao seu conhecimento de mundo.

Nesta perspectiva buscamos neste ensaio recortar algumas das nossas experiências como docentes de História. Escolhemos recortar tratar do período 2018.2³, no qual a professora Kelly ministrava a disciplina de História para turmas do ensino médio.

Nas turmas do 1º ano os conteúdos versavam entre outros, a História Antiga, Idade Média, Renascimento e Reforma Protestante. Vivíamos, no período, no Brasil um período de campanha política, e talvez por isso os alunos ao discutir os assuntos na sala de aula

³ Aqui serão retratadas experiências da professora Francisca Kelly Gomes Cristovam

frequentemente relacionavam com fatos do momento político do Brasil, tais como se durante a Idade Média a sociedade vivia um período que a Igreja ditava as regras e a sociedade era atrasada, não conseguia desvincular sua vida da religião, deixando embalar-se por normas absurdas e assim durante décadas serem manipulados, e daí compararem com o atual momento do Brasil, no qual muitas pessoas estavam votando não por analisarem propostas políticas e perceber como boa e justa para o coletivo, mas sim que muitas pessoas no Brasil estavam votando por que determinado político dizia fazer parte de suas pautas questões de defender a família, promovido por uma ideia religiosa, de colocar a ideologia de gênero de forma deturpada, porém na verdade a família e bem estar social não é de fato pauta para nossos políticos.

Então, ao discutir sobre Idade Média, parte dos alunos conseguiram relacionar com o presente e questionar. Porém, nem todos os alunos conseguiram enxergar que não se deve misturar a religião com a política, pois é essencial não levar para as políticas públicas ideias fechadas e ser colocadas como regra e dizer ser a melhoria para a sociedade. Que o Estado é laico e não deve defender pautas que fira alguma camada da sociedade. Mas sim, que é obrigação proteger de toda e qualquer violência, que viver com o diferente e respeitar sua forma de pensar devem ser meta dos governos e de todo ser social.

Nas turmas quer os conteúdos versavam, entre outros, sobre Brasil República e Período de Guerras. Assim, discutir Brasil República e suas diversas facetas possibilitou aos alunos relacionar constantemente com o momento do Brasil, de eleições impregnada de violência, de não acreditarem mais ser possível uma política sem corrupção, que o velho coronelismo e o voto de cabresto com caras novas estavam em vigor na sociedade, pois o que mudou foi à forma de como agir, mas a essência de comprar votos, fraudar, pessoas presas a determinados grupos políticos ainda permanecem na sociedade.

Discutir sobre Brasil República proporcionou amplos debates e por diversas vezes, os alunos relacionarem com o momento das eleições de 2018 no Brasil e as formas que os presidenciáveis se comportavam, suas ideias defendidas, uso de notícias e falas para manipular a sociedade, os diversos casos de corrupção de uma política velha em novos períodos. Enfim, apesar de muitos alunos terem apresentado uma percepção e questionamentos sobre a forma como a política no Brasil República tem agido durante décadas e da necessidade urgentes de mudanças, ou seja, que o Brasil precisa mudar sua forma de ver e praticar a política, infelizmente muitos alunos ainda defendem políticos que tem como exemplo, pautas de usos de armas e privatização, não conseguindo perceber ser tais

atos desastrosos para a sociedade, pois o que deve ocorrer são investimentos e fiscalizações nos diversos setores da sociedade, em especial no social.

No ponto tocante ao discutir sobre as guerras, no qual mostrava a ambição por poder, ideias de superioridade utilizada durante a Segunda Guerra Mundial para justificar os maus tratos com judeus e outras minorias. Foi possível perceber que parte dos alunos listou uma forma de pensar durante a Segunda Guerra, semelhante aos nossos dias, pois ainda são praticadas atualmente violências extremas em nome da fé, da ideia de merecimento, da defesa do uso de armas por políticos, como se a sociedade armada resolvesse o problema social instaurado ao longo de décadas. Enfim, podemos notar que às vezes muda o cenário, mas a mente perversa e ideias são as mesmas.

Com as aulas, nós enquanto docentes de História, ficamos muitas vezes presas, pois discutir política ainda é um tema polêmico para sala de aula, haja vista sempre aparecem diversas formas de pensar que levam para o lado da politicagem, e é preciso maturidade para mostrar ao aluno a necessidade de enxergar além do óbvio e o aparente que o cerca.

Particularmente, à professora Kelly, viveu a experiência de discutir política no semestre passado com os alunos. E uma das saídas encontradas para trabalhar tal temática é deixar os alunos falarem e expressarem a vontade de seu pensamento e conhecimento acerca da temática, e depois é que vá intermediando o debate, apresentando questões pertinentes para a discussão e a necessidade de ter novos olhares.

Portanto, a sala de aula, especialmente, a disciplina de História é um espaço de discutir sobre as formas de pensar a vida, sociedade, cultura, política, entre outros fatores, e deve ser vista como um local de resistência do saber, de provocações para o novo e de abertura para ter sua liberdade de expressão e direitos vividos sem violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse ensaio concluímos que a figura do docente, especialmente, nas aulas do componente curricular de História é muito importante, pois ele é o condutor para a formação de cidadãos críticos, levando os discentes a refletirem sobre as distintas temáticas que envolve o mundo, e, principalmente, o Brasil.

E diante do cenário atual que vivenciamos, os desafios são inúmeros, não só pela estrutura da maioria das escolas brasileiras, mas também porque estimular a criticidade e novas formas de pensar demandam tempo, perseverança e estudo, visto que trabalhar com

temas tidos como polêmicos e sensíveis é desafiador por causa do rótulo que foi dizimado aos professores de História.

Os quais são taxados de doutrinadores, ou seja, são acusados de não promoverem o pensamento questionador dos alunos, e, conseqüentemente formar cidadãos crítico, mas apontados de formar pessoas que pensem como si mesmos.

No mais, esse texto nos instigou a falar mais sobre nossa prática e conversar com os pares, a buscar novos estudos e aperfeiçoar o saber para levar para sala de aula. Pretendemos continuar a pesquisando sobre a formação de professor e dialogar com novos estudos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos Jordan Lapa; ROSA, Geder da Rocha. *Uma reflexão sobre o ensino de História: um estudo de caso do processo de ensino-aprendizagem*, Brasil. Disponível em <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n11/artigo3.pdf>>, acesso em: 22 de agosto de 2019.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. *Reflexões Sobre o Ensino de História*, Brasil. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v32n93/0103-4014-ea-32-93-0127.pdf>>, acesso em: 28 de setembro de 2019.

DAVILA, Denise; SOUZA, Renata Junqueira de. *O Uso de Textos Polêmicos em Sala de Aula: formação e prática docente*, Presidente Prudente/SP - Brasil. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/11.pdf>>, acesso em: 28 de setembro de 2019.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGENIO Jonas Camargo. *Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas*, Brasil. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/430/273>>, acesso em: 28 de setembro de 2019.

MACHADO, Antônio Berto. Docência na Contemporaneidade: formação e identidades em disputa. IN: RODRIGUES, Melânia Mendonça; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. (Orgs). *Trabalho e formação docente na contemporaneidade*. Campina Grande, PB: EDUFCEG (2009 p.77-93).

MORAES, Ana Paula da Cruz Pereira de. Caminhos da História Ensinada e a Construção de Novos Saberes e Histórias na Sala de Aula. IN: LÔBO, Isamar Gonçalves; NETO, Manoel Dionizio. (Orgs). *Diferentes espaços no tempo: o ensino, a formação e os discursos*. Cajazeiras, PB: EDUFCEG (2012 p. 80-96).